



SOCIEDADE ELEGANTE: A sr.^a D. Ida de Sousa Maciel, gentil filha do sr. Manoel dos Santos Natividade e da sr.^a D. Carlinda Cardia Maciel Natividade, residentes em Matosinhos

(Cliché do distinto fotógrafo sr. José Bérclia).

II série—N.º 561

ILUSTRAÇÃO PORTUGUEZA

Lisboa, 20 de Novembro de 1916

Assinatura para Portugal, colónias portuguesas e Hespanha
Trimestre, 1\$20 cív. Semestre, 2\$40 cív.
Ano, 4\$80 cív.

Director — J. J. DA SILVA GRAÇA
Propriedade de J. J. DA SILVA GRAÇA, Ltd.

Numero avulso, 10 centavos

EDIÇÃO SEMANAL DO JORNAL "O SECULO"

Editor — JOSÉ JOUBERT CHAVES

UMA CERTEZA



Todos os que se servem do Dentol, estão certos de ter lindos dentes.

J. MÉALY.

O DENTOL (líquido, pasta e pó) é, na verdade, um dentífrico soberanamente antisséptico, tendo ao mesmo tempo um perfume dos mais agradáveis.

Creado conforme os trabalhos de Pasteur, elle destrõe todos os microbios ruins da bocca: também impede e cura infallivelmente a carie dos dentes, as inflamações das gengivas e as dores de garganta. Em poucos dias dá uma alvura brilhante aos dentes e destrõe o tartaro. Deixa na bocca um frescor delicioso e persistente.

—ua acção antisséptica contra os microbios prolonga-se na bocca durante 24 horas pelo menos.

Posto puro em algodão, calma instantaneamente as dores de dentes por mais violentas que sejam.

O DENTOL encontra-se a venda em todas as principais Perfumarias, Farmacias e Drogarias de LISBOA e PORTO.

Vendas por grosso, R. Vasco da Gama, 29 e 31, LISBOA.

«CADEAU»

Basta mandar para M. Frère, 19-Rue Jacob, Paris, \$15 centavos em selos de correio, recomendando-se a «Illustração Portugueza», para receber franco pelo correio, um delicado cofresinho contendo um pequeno frasco de elixir DENTOL, uma caixa de Pasta e uma caixa de Pó.

A empresa do SÉCULO

NO

BRAZIL

Prevenção importante

De vez em quando apparecem uns cava-lheiros d'industria quaesquer, que, aproveitando-se da extraordinaria acelliação de que, felizmente, goza em todo o Brazil a *Illustração Portugueza*, se servem do seu nome para angariarem assinaturas, com o unico fim de se apossarem de dinheiro, e algumas pessoas tem sido ludibriadas na sua boa fe.

Ha tempos foi um tal Abilio de Freitas Azevedo, de sociedade com Manuel Gomes Carneiro e Ananias & C., rua d'Alfandega, 110, 1.ª, Rio de Janeiro. Agora chega-nos a noticia de novos «scrocs» que usam a firma de J. Pina & C.ª e dizem ter escritorio na rua do Senado, 165, com a designação de Agencia de Publicações Estrangeiras, o que se sabe ser tudo falso.

Por diferentes vezes temos pedido ao publico do Brazil, e agora de novo o fazemos, para que não se deixe iludir por taes meliantes.

Qualquer pagamento só deve ser feito aos nossos agentes fixos de cada localidade, os quaes são bem conhecidos do publico das mesmas e facilmente podem comprovar a sua qualidade, offerecendo todas as garantias de seriedade pela sua conhecida situação commercial.

No RIO DE JANEIRO são agentes da Empresa do SÉCULO, ILUSTRAÇÃO PORTUGUEZA, E SUPPLEMENTO DE MODAS & BORDADOS os srs.

José Martins & Irmão

Rua do Carmo, 59, 1.º

Aos quaes podem ser dirigidos os pedidos de fornecimento das nossas edições, não só do Rio, como de outros pontos do Brazil, e bem assim ser satisfeitas as importancias de assinaturas e anuncios tratados directamente com a sede da Empresa do Século, em Lisboa.

TELEPH. N.º 2638
PERFUMARIA ROSA D'OURO
COLossal
SORTIMENTO
Rua do Ouro, 261 JOAQUIM R. ALVES
LISBOA

REMÉDIO FRANCEZ
o mais antigo conhecido contra a
PRISÃO DE VENTRE
INVENTADO em 1802
VERDADEIROS
Grãos de Saúde
do **D^r Franck**
(Vértables Grains de Santé du D^r Franck)
Em todas as Pharmacias e Drogarias.
DEPOSITARIO:
J. DELIGANT, 15, R. dos Sapateiros, LISBOA

Perfumaria Balsemão
141, RUA DOS RETOZEIROS, 141
TELEPHONE N.º 2777-LISBOA

A VENDA
Almanaque d'o Século
(ILUSTRADO)
PARA 1912

O passado, o presente e o futuro

REVELADO PELA MAIS CELEBRE
CHIROMANTE
E FISIONOMISTA DA EUROPA
MADAME

Brouillard

Diz o passado e o presente e prediz o futuro, com veracidade e rapidez; é incomparavel em vaticínios. Pelo estudo que fez das ciencias, quíromancias, cronologia e fisiologia, e pelas applicações praticas das theorias de Gall, Lavater, Desbarrolles, Lambrose, d'Arpenligney, madame Brouillard tem percorrido as principais cidades da Europa e America, onde foi admirada pelos numerosos clientes da mais alta categoria, a quem predisse a queda do imperio e todos os acontecimentos

tos que se lhe seguiram. Fala portuguez, francez, inglês, alemão, italiano e hespanhol. Dá consultas diarias das 9 da manhã ás 11 da noite em seu gabinete: 43, RUA DO CARMO, 43 (sobre-loja)—Lisboa. Consultas a 1\$000 réis, 2\$500 e 5\$000 réis.



MAIZENA

Aqui temos uma cousa que provoca o appetite, mesmo nas epochas de muito calor. Sirva-se estas sobremesas finas e gostosas, feitas com "Maizena"; são leves, facilmente digeridas, são e nutritivas.

GELADO

Meio quartilho de leite, duas gemas d'ovos, seis onças de assucar, uma colher de "Maizena." Mexa-se até ficar espesso, e quando estiver frio, deite-se um quartilho de nata batida e duas gemas d'ovos bem batidas. Deite-se assucar e a essencia e ponha-se a gelar.

QUEIJADAS

Uma colher e meia de "Maizena," quatro de assucar, um litro de leite e um ovo e um pouco de sal. Quando o leite estiver quasi a ferver, deite-se a "Maizena," dissolvida em leite frio, e logo em seguida o ovo. Ferva-se uma ou duas vezes, mexendo-se depressa e deite a essencia.

OUTRAS MANEIRAS DE EMPREGAR

Toda a especie de doces, pasteis e biscoitos tornam-se muitissimo superiores quando, em lugar de farinha, unicamente se emprega de 1/3 a 1/4 parte de "Maizena."



Em caso de escassez de nata, esta falta pode remediar-se por meio da "Maizena" com leite e ovo. Salpique-se com o saleiro, isto evitará que o sal endureça.

National Starch Co.
New York, E. U.

A venda em todas as lojas de generos alimenticios do paiz.





Ilustração Portuguesa

CRONICA

N.º 561

20-11-1916



Questão medica

Uma família, consternada pelo falecimento de um ente querido, viu a publico increpar o medico assistente, attribuindo o resultado fatal a erro de diagnostico e esse medico tambem em publico se defendeu, persistindo na sua opiniao. Trata-se de um assunto melindroso, pois que de um lado se expressa a dor humana mais profunda e do outro a probidade profissional mais respeitavel, de modo que não é licito a estranhos a intervencao no debate e qualquer allusão que significasse preferencia seria aqui completamente descabida.

Contudo, esta polemica sugere considerações permitidas, uma das quaes se refere ao curso de medicina exercido em tres escolas do paiz, actualmente, onde dão certamente sobejas provas de estudo e applicação os candidatos a clinicos, mas onde talvez não haja tempo nem meios de lhes avaliar o bom senso, a ponderação, a humanidade, os mais requisitos, enfim, necessarios, ou antes indispensaveis a um bom medico. Toda a gente sabe que ha *bons* e *maus* medicos, como ha *bons* e *maus* advogados, *bons* e *maus* engenheiros, etc.; no entanto, se é lamentavel o facto quanto aos restantes, é de todo o ponto intolleravel quanto aos medicos, a quem confiamos não apenas interesses materiaes mas a propria vida e, o que é mais grave, a vida dos nossos. Não devia merecer a approvação final do curso senão o que desse provas evidentes de que viria a ser um bom medico; os *maus* e mesmo os *mediocres* deviam ser inexoravelmente reprovados, como para militares o são os *aleijados*.

Não se poderá obter nunca essa perfeição nos cursos? Pois creiam que vale a pena pensar n'isso.



A parede

E' rara a parede caída de predios de Lisboa, que não sirva para desabafo de quem se não pode manifestar ostensivamente ou a tal se não atreve. Os letrados condenando a guerra, a par de desenhos incipientes de gosto duvidoso, ou nada duvidoso, porque é claramente pessimo, multiplicam-se, a carvão, com uma miseria de ortografia tão exagerada, que logo se percebe que os autores pretenderam fingir de iletrados.

A manifestação é inofensiva, mas revela uma verdade ha muito sabida, e não é a de que haja portugueses tão degenerados que aconselhem covardias: é a de que ha e haverá sempre gente de habitos pouco limpos, que não pode ver uma superficie branca e lavada sem a conspurcar seja como for. Não são anti-patriotas; são apenas — porcalhões.

A companhia franceza

Deliciou-nos a companhia franceza, da qual Luciano Guitry é a primeira figura, com alguns espetaculos escolhidos, realísados no teatro Republica, esse templo de arte onde nos tem sido dado admirar as maiores celebridades da cena europeia.

Deixou saudades, a companhia, só atenuadas pelo

esforço inteligente e muitas vezes eficaz dos nossos artistas, que n'aquelle mesmo palco honram a arte nacional estudando, procurando acertar e acertando, na verdade, em muitas occasiões.

Que os triunfos e as glorias de Guitry os não intimide ou afrouxe o animo; de olhos só fitos n'esse ator formidavel, é possivel que o deslumbamento tenha incomodado um ou outro mais timido, mas tal não aconteceria se tivessim dividido a atenção tambem por outras figuras do grupo, pelas secundarias ou ainda pelas inferiores a estas, com o que nada haveria a perder. E essa contemplação não deixaria de ser proveitosa; veriam como para os interpretes de pequenos papeis não ha trabalho que considerem insignificante, como valorisam intencionalmente os ditos se a situação o exige, como são cuidados na pormenorisação de tudo o que compõe a personalidade.



Não acreditamos, por exemplo, que com eles se desse o que em tempos se deu n'um teatro de Lisboa, entre um escritor e uma atriz bem conhecida. Passamos a contar:

Faltavam dois ou tres dias para certa opereta subir á cena e procedia-se a um ensaio, a que o autor da letra não estava assistindo. N'um dueto, o *maestro* achou que a musica produziria mais efeito se se prolongasse, para o que seria preciso acrescentar a letra: mais uma quadra para a atriz e o numero ficaria excelente.

Por acaso encontrava-se na plateia um amigo do poeta, tambem versejador, e foi a este que o *maestro* recorreu, prontificando-se immediatamente o espertador a satisfaze-lo, para o que procurou a atriz no camarim a fim de o esclarecer sobre a situação.

— E' uma cena amorosa, não é? perguntou.

— E', respondeu a rapariga, é um dueto de amor entre mim e Fulano.

— E na peça que és tu em relação a Fulano? Amante, esposa, namorada?

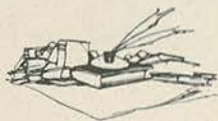
A atriz, com o maior desprendimento:

— Isso é que eu não sei...

Garantimos a veracidade, porque conhecemos como a nós mesmos o autor da quadra intrusa.

Livros

E' sempre com intensa alegria que damos noticia do aparecimento d'um bom livro de autor novo. O que temos presente intitula-se simplesmente *Sonetos* e assina-o o sr. Candido Guerreiro, prefaciando-o o eminente poeta Guerra Junqueiro com palavras de admiração e de justiça, como estas: «Os seus belos sonetos encantaram-me. Anunciam um grande poeta, ávido de verdade...»

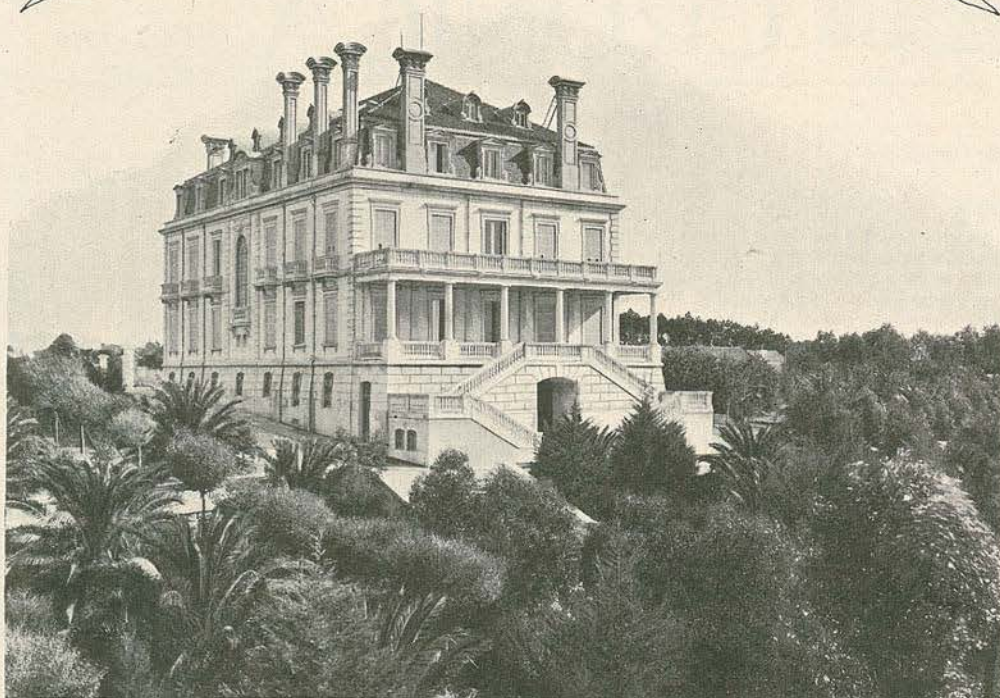


E' esta a opinião do mestre, que não costuma ser prodigo em elogios; fazemo-la nossa, com a devida vénia.

ACACIO DE PAIVA.

(Ilustrações de HYPOLITE COLLOMB).

Os últimos trabalhos de um grande pintor



Figueira da Foz—O palácio do sr. Joaquim Soto Maior no meio do seu vasto e belo jardim.

Não será fácil encontrar por todo o paiz, sobre tudo fóra de Lisboa e Porto, um edificio de moradia tão amplo, tão belamente delineado e construído, tão cheio de riqueza e bom gosto, como o palácio do sr. Joaquim Soto Maior, na Figueira da Foz. Quem contempla uma vez essa grandiosa construção, fica tão admirado da sua sumptuosidade, de ver que houvesse alguém que desse semelhantes proporções a uma casa para passar o verão, casa que, mesmo para permanência n'um grande centro, só caberia dentro de uma fortuna principesca.

Nada ha que admirar, porém, sabendo-se, primeiro que tudo, que o sr. Soto Maior tem pela Figueira da Foz, a nossa formosa praia, a nossa praia de maior futuro, uma afeição verda-

deiramente carinhosa. Deve-lhe muitos dias de paz, de saúde, d'esse repouso espiritual, reparador de forças e alegrias, que só encontramos onde nos sentimos bem. E não é só ele; está presa pela mesma atração á Figueira a ilustre família que ele adora e que ocupa no nosso meio social situação tão distinta. Depois, o grande capitalista passa hoje a maior parte da vida dentro de sua casa, dos seus jardins, dos seus parques; sabe e pôde, como poucos, rodear-se de todas as comodidades, de todas as belezas naturais e artísticas, de quanto ha que enleve os olhos do corpo e os da alma. Da sua casa de Lisboa para a da Figueira da Foz, ha diferença, mas é para melhor, para muito melhor; porque lá, desde a primeira pedra á ultima

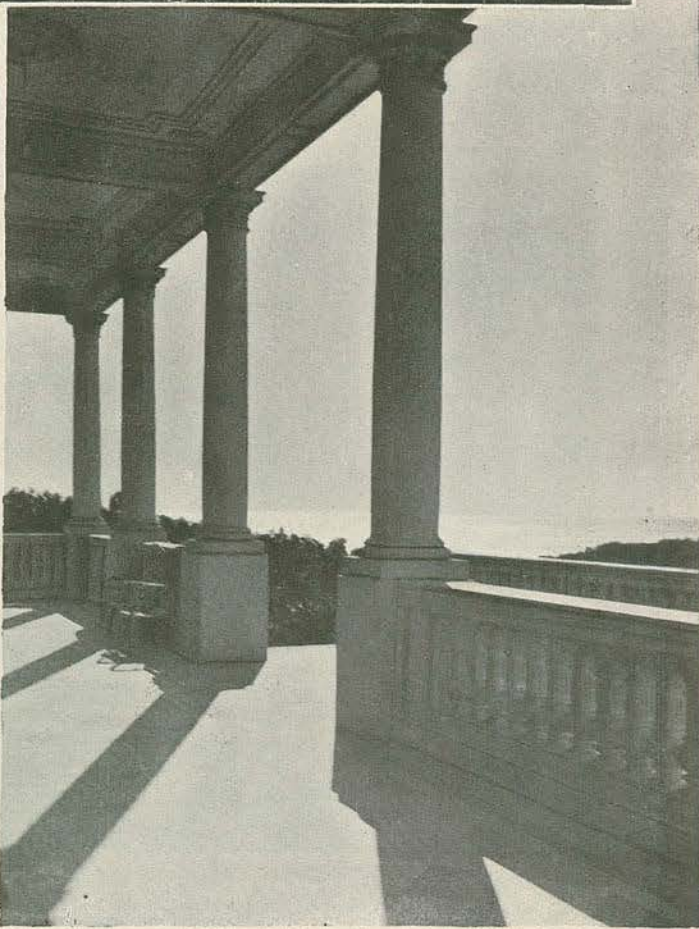


Portal da passagem do jardim para o parque



O *panneau* em que trabalhava Ramalho, quando morreu, e que ficou por concluir, vendo-se-lhe ainda pregados dois *croquis* pelos quaes o mestre se guiava

preciosidade decorativa, é tudo, inicialmente, idéa sua e seleção. Situado no Alto do Viso, a cerca de um kilometro do centro da cidade, por onde passa a projetada avenida que vai entestar na estrada de Tavarede, o palacio Soto Maior ergue-se do vasto recinto do seu parque, jardins e terrenos de cultura, para dominar um dos mais belos e soberbos panoramas que conhecemos. Das suas janelas, das suas varandas e do seu terraço abarca-se grande parte do Mondego até á barra; a vista pousa docemente no Cabo Mondego e em Buarcos, esbatidos no horizonte depois de percorrer com particular encanto por essa sucessão de marinhas e de canaes que fazem lembrar a típica paizagem holandeza. Dos materiaes empregados no palacio do sr. Soto Maior, á excepção de algumas ferragens e outros artigos indispensaveis vindos do estrangeiro, o mais é tudo portuguez: industria portugueza, arte portugueza, mão d'obra portugueza. O seu espirito patrio-



O terraço do palacio Soto Maior, d'onde se disfruta uma soberba vista de mar entre Buarcos e a barra do Mondego

tico foi a ponto de ver como lá fora se faziam os melhores *lambris*, imitando mármore, e sob as suas indicações foram feitos por artistas portugueses os que se admiram na sua casa, tão belos de verdade que parecem mármore com todos os caprichosos veios e tons das suas variegadas cores.

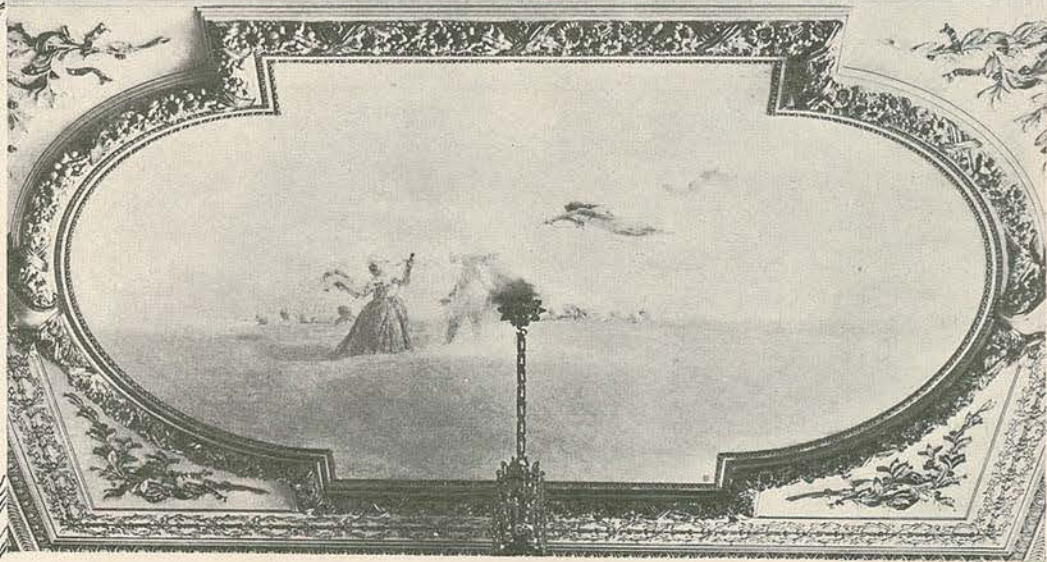
Para remate de tão característica obra portuguesa, o sr. Soto Maior confiou ao grande pintor Antonio Ramalho a decoração da sua casa. Começou o ilustre artista o seu trabalho há uns nove anos, mas não o levou seguido, dando-se amiudadas interrupções de que a sua obra, para um observador severo, não deixa de se resentir um pouco. Ramalho tinha um temperamento artístico muito especial, muito seu, e não o ajudava nada a coragem do lutador e o espirito de persistência do verdadeiro homem de trabalho. Sucumbia facilmente às apreensões menos animadoras do futuro e às recordações menos estimulantes do passado. Envelhecera antes de tempo; deitáralhe as garras implacáveis uma terrível neurastenia; atravez de um grande fundo de misticismo notava-se-lhe um absoluto cansaço de viver.

O sr. Soto Maior animava-o o mais possível com o incentivo das suas palavras e da sua generosidade. Sensibilisava-o essa triste depressão nervosa do insigne artista, inquietava-o o receio de que ele não imprimisse a todo o trabalho de decoração a unidade precisa e não o viesse mesmo a concluir, como de facto não veio. A morte surpreendeu-o quando ele trazia entre mãos um lindo *panneau* da escada, d'essa soberba escada que rivalisa no lançamento e na magestade com a do grande Hotel do Bu-saco. Representa esse *panneau* uma festa pagã, cheia de movimento, com muito desenho e riqueza de cores, mas que ficou incompleto. Um outro, em frente d'este, nem se chegou a começar, estando apenas pregada a tela.

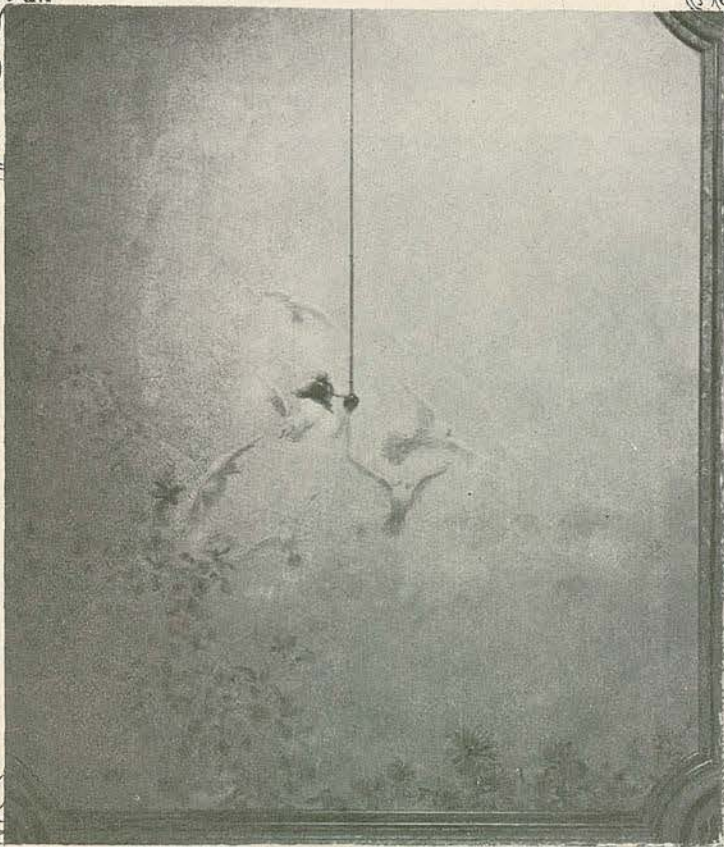
Os tectos das salas são outras tantas obras primas, no seu genero, do infeliz pintor que trabalhou em muitos detalhes de decoração como as levíssimas guirlandas dos *lambris* das salas e outros que constituem mimos d'arte, sendo em todos o colorido tão proprio, tão pessoal e tão suave, que lhes imprime rara beleza. Arranjou tons de ouro velho, escuros, sombrios, que mais fazem realçar os tons claros de azul ou de cinzento, que lhe eram tão peculiares e que tanta graça e beleza davam á sua decoração.



1. Estudo de uma figura para um *panneau*.—2. Vista geral do Jardim, parque e terrenos anexos, tirada do terraço do palácio



Panneau do tecto de uma das salas



Outro panneau

(Clichés do distinto fotógrafo de Lisboa, Lazarus)

Ramalho tinha um grande fundo de cultura, que a sua aparência modesta mal deixava adivinhar. Nunca o abandonou um claro espírito de observação e de crítica, como nunca o abandonaram os seus hábitos bohemios de artista.

A sua crítica chegava a ser satânica para com os que o feriam sem razão, e revestia uma certa suavidade para com os que o não compreendiam. Levava na Figueira uma vida muito simples: pintava, conversava pouco durante o dia, de que passava uma grande parte, como que alheio á realidade para pensar simplesmente, para sonhar.

Todas as noites ia tomar a sua chavena de café e palear uma ou duas horas com os conhecidos, voltando vagarosamente para casa, como que engolfado no mesmo sonho. Ainda dois dias antes de morrer, dera o seu passeio noturno. A vida apagou-se-lhe sem maior sofrimento. Talvez que esse sonho, só de gloria, porque da fortuna ele nunca cuidara coisa alguma, se perpetuasse para a doce tranquilidade, que o pobre Ramalho bem merecia, do seu sono eterno.



Teatro francez, em Lisboa

Guityr esteve novamente em Lisboa. Com ele, com o seu magnifico, energico, admiravel talento artistico, veiu, mais uma vez, visitar-nos o teatro francez — algumas das obras mais representativas e brilhantes do moderno repertorio parisiense.

Ao lado de Guityr, novamente tivemos o prazer de aplaudir uma atriz adoravel nas *ingenuas*, sua esposa, que era ainda hontem uma pequena e quasi desconhecida atriz do Ginasio, de Paris, *mademoiselle* Jeanne Desclos e que sera evidentemente amanhã uma das primeiras figuras da cena franceza.

Na noite da sua estreia no Teatro Republica, Guityr deu-nos a conhecer, no palco, uma das obras primas de Henri Lavedan *Servir*—dois atos fortes, impressivos, vibrantes, em que n'uma notavel visao profetica dos factos, passa, n'um largo vôo heroico, a alma da França d'hoje. E' o conflito d'uma familia burguezia, em que, sem duvida, o autor do *Duelo* quiz simbolisar a sua propria Patria — conflito de ideias e sentimentos que a madrugada da guerra faz cessar, perante a ameaça do estrangeiro inimigo. Um pae, militarista rude e um filho, pacifista impenitente, unem-se



Henri Lavedan, autor do *Servir*, e do *Petard*



Guityr no papel do coronel Eulin do *Servir*

no mesmo abraço de fé, quando o canhão ribomba, ao longe, annunciando o perigo. E é a propria mãe de dois filhos mortos pela França, que impele o seu unico filho vivo a ir vingar os irmãos — morrendo como eles.

Henri de Lavedan escreveu o *Servir* muito antes de ter reventado a terrivel conflagração que hoje assola a Europa e a peça foi representada no «Teatre Sarah Bernhardt» em fevereiro de 1913, aproximadamente um ano e meio antes da guerra.

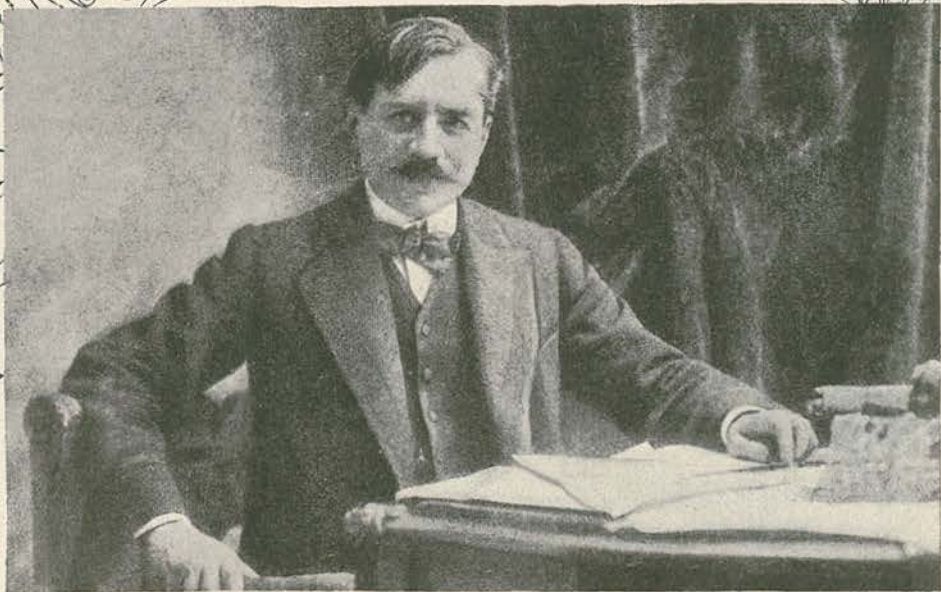
Mas o seu talento magnifico de dramaturgo teve o dom maravilhoso de prever, lendo nas sombras do horizonte os presagios sangrentos da catastrophe. *Servir* é uma tragedia digna do genio de Corneille. O «coronel Eulin» que Guityr encarnou com a sua creadora e privilegiada alma de ator, lembra «Horacio».

Depois do *Servir*, o genio de Lucien Guityr deu-nos obras de Alfredo Capus, Lemaitre, Nicodemi—e essa figura inolvidavel do *Cesar Biroteau*, de Balzac.

Durante os espetaculos, tão singularmente artisticos, do grande comediante francez, viu-se no Teatro Republica to-



Um retrato de «mademoiselle» Desclos quando atriz do Ginasio, de Paris



Paul Bourget, autor do *Emigré* e *Le Tribun* do repertório de Guitry



Um retrato antigo de Guitry

ra do extraordinário ator. Pelo que Lisboa envia a Lucien, «roi des cabots» os seus agradecimentos — e os nossos.

da a gente que em Lisboa se interessa pelas coisas do Espírito e da Beleza—e encheram os camarotes e as frizas a alegria e a gentileza, frescas como um molho de rosas, de todas as femininas elegancias alfacinhas. Durante mais d'uma semana, o interessante *snobismo* d'esta frase—o teatro francez—abalou a curiosidade das encantadoras creaturinhas que se apavoraram com o vozeirão de «Eulin» e se enterneceram com a ternura romanesca de «Miette» — a que *mademoiselle* Jeanne Desclos deu toda a graça, toda a candura e toda a vivacidade do seu talento encantador.

Lisboa está sendo uma grande capital quasi sem vida mundana. As proprias raras festas, que Lisboa ainda se permite dar, são coisas familiares, quasi atraz d'um biombo japonéz, a um canto de salão, com as janelas fechadas e as cortinas descidas, ou, então, indiscretas reuniões ao ar livre, em que verdadeiramente só o Hipopotamo se diverte.

Guitry, *le superbe*, como lhe chamam em Paris, venceu d'esta vez o Hipopotamo. As lisboetas elegantes correram ao «teatro francez» — e despiram castamente os seus lindos hombros em honra



Dario Nicodemí, autor da peça.
Miette

ATOR AFONSO TAVEIRA



No cemitério do Prado do Repouso.—A passagem da urna funerária na avenida Central.—(Cliché do sr. Alvaro Martins).

Faleceu no Porto, no teatro de Sá da Bandeira, onde estava dando os últimos ensaios à revista *Dia de Juízo*, de Schwalbach, distinto ator, ensaiador e empresário sr. A. Taveira, imensamente considerado não só no meio teatral, de que era um valioso elemento, mas em todas as classes pela sua muita seriedade e finíssimo trato.

Desde muito novo que Ta-



veira entrou para o teatro, tendo pela sua carreira uma verdadeira adoração. Representou e conquistou justos aplausos tanto em Portugal como no Brazil, onde contava inúmeros amigos. Era atualmente empresário do teatro da Trindade, de Lisboa. A' distinta atriz Tereza Taveira, viúva do insigne artista, envia a *Ilustração* Fortuqueza os seus mais sentidos peza-

mes.



2. O ator Afonso Taveira.—(Cliché da Fotografia Fernandes).—3. A passagem do cortejo em frente ao teatro Sá da Bandeira.—(Cliché do sr. Alvaro Martins).

O VELHO MUNDO EM GUERRA

Continua o horrendo sacrifício de vidas pela causa da liberdade e da civilização. Dos nossos aliados que trazem tropas nos campos de batalha não haverá talvez uma família que não vista luto, a quem o coração não sangre de dor e de saudade por ter perdido um ente amado. Mas nenhuma dá por mal empregado o sacrifício. Se todos amaldiçoam a guerra e quem a ateou no mais feroz e desumano arranco de ambição, anatematisado até hoje na história, nem uma só se lamenta de ter sido tão duramente tributada para o custeio de uma defeza, que abrange mesmo os interesses mais caros dos que se jugam fóra do conflito e que podem continuar alheios a ele.

Se ha muita heroicidade nos que tomam sob as balas inimigas e, estendidos n'uma maca, reprimem os seus gritos lancinantes, para que não levem o desanimo aos que ainda resistem e podem decidir da batalha, não a ha menos n'essas mães, n'essas esposas, n'essas irmãs, que se separaram dos que lhes são mais queridos sem lhes entibia-rem o espirito decidido para o cumprimento do dever, e que

chegam a disfarçar as lagrimas para lhes não amargurar uma despedida sobre que deve pairar, acima de todos os outros, o sentimento da patria, ba-fejado da esperança da vitoria.

Debaixo de tantos crepes os corações não vibram só de maguas, vibram tambem de nobre orgulho. Na sua dor, a mulher sente-se serenamente elevada pela santa memoria do que morreu pela patria, pensando n'ela. Nunca o tributo de sangue foi pago com mais generosidade, com mais abnegação, com mais consciencia de que se devia pagar e do alto fim

para que se pagava. Nunca entre os que ficam e os que partem houve mais rapido acordo sobre a necessidade da separação, como ponto de honra, como prova de estima reciproca.

O dever, o dever! E' o grito que anima os que partem e que vae repercutir confortos no coração dos que ficam. Todos se sentiriam deshonrados se ele se não cumprisse; a defeccão em frente de um inimigo, possuido da loucura da absorção, do esmagamento e do extermínio, de um inimigo que só pode vencer pela traição e pela pusilaminidade dos que ele combate, encontraria o castigo na morte ignominosa pelo remorso, mil vezes mais torturante do que a recebida na ponta de uma baio-



Na frente ocidental:— Os Ingleses recolhem todos os feridos que encontram no campo depois de uma grande batalha e prestam-lhes socorros.

neta ou no estilhaço de uma granada.

Tem sido e continuam a ser grandes os sacrificios da vida; mas a cada um d'eles quantos rasgos de heroicidade e de abnegação não andam ligados!



Na frente ocidental.—Os canadlanos abrem uma nova estrada em terreno conquistado



Trincheiras tomadas pelos canadlanos que n'elas encontraram só cadaveres



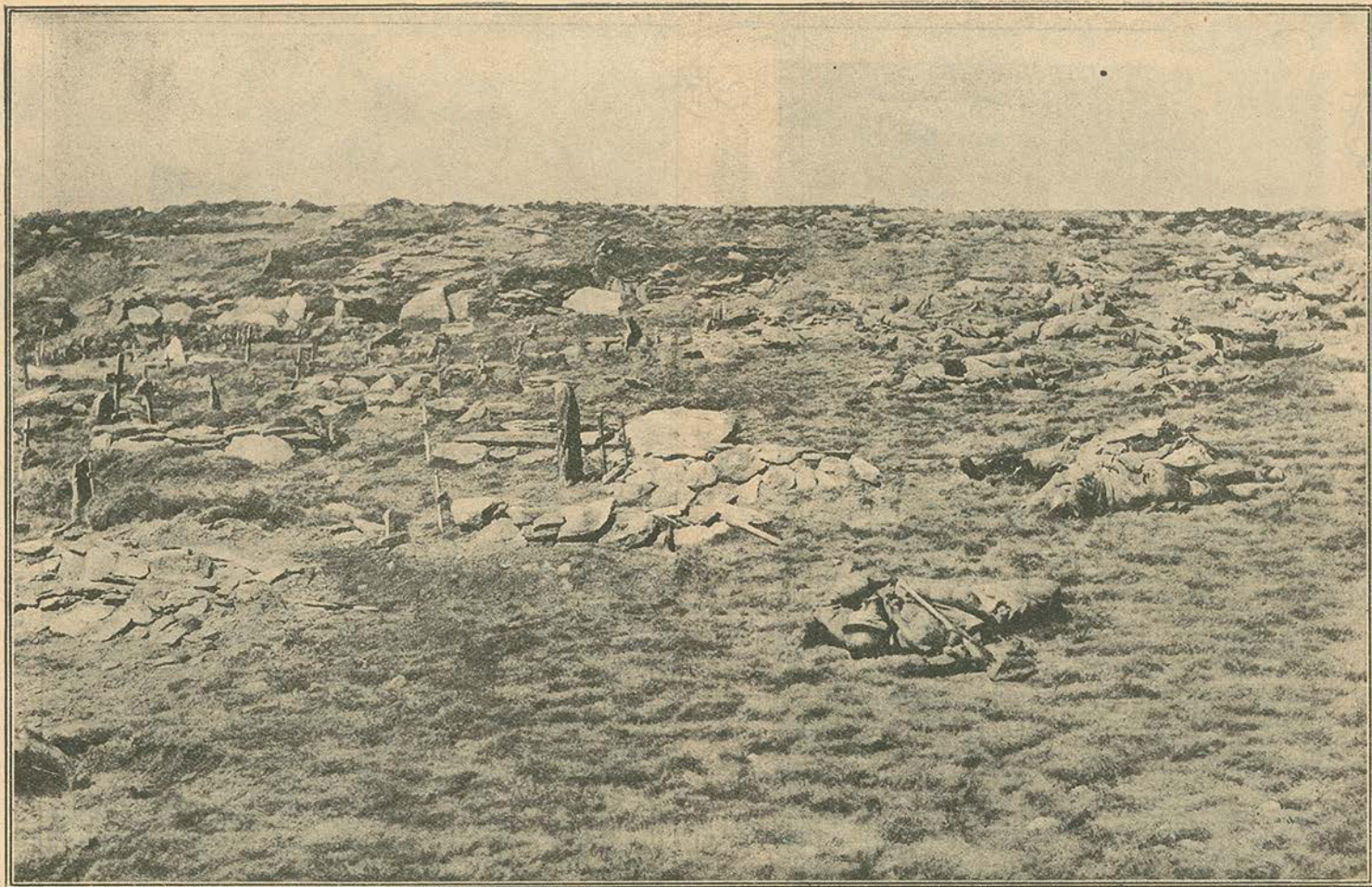
Os servios ocupam posições bulgaras que tomaram em Czerna.



Um destacamento de canadianos volta, em auto, de um combate em que ficou vitorioso.
(The Graphic).



Um Zeppelin destruído, vendo-se no local mrs. Lewis e sua família



Na crista do Kaïmakchalam:--O chão terrivelmente luncado de cadaveres depois de uma vitória do terceiro corpo do exercito servo

(Cliché de L'Illustration).

Topografia moderna



Veja: aqui é a igreja e ali o correio.

(The Bystander)

Major Afonso Pala

O major de artilharia Afonso Pala, que foi um dos mais dedicados revolucionários de 5 de outubro, foi também um patriota de reconhecido mérito que caiu nos campos de batalha da nossa África, ferido por uma traiçoeira bala dos alemães. A pátria pagou-lhe o seu tributo de admiração e respeito prestando-lhe uma última homenagem: trasladando para a metrópole o seu cadáver e realizando, com a



maior importância, o seu funeral, a que assistiram o governo, contingentes de todos os corpos, as sociedades de instrução militar preparatoria, muitas corporações civis, etc., fazendo-se o sr. presidente da República representar pelo secretário da presidência, sr. Luiz Barreto da Cruz. Pelas ruas por onde o cortejo passou era grande a aglomeração de público, que se descobria á passagem do feretro.

O ministro e representante do Chefe do Estado



O armão que conduziu a urna funerária



A corôa oferecida pela Camara Municipal de Lisboa. O official que se vê na fotografia é filho do falecido.



O desfilar dos contingentes do exercito pelo largo de Camões

(Clichés Benoitel).



Wilson, reeleito presidente dos Estados Unidos

Depois de uma eleição vivamente renhida e de operações de escrutínio feitas com excepcional rigor, foi reeleito presidente da grande república norte-americana, o sr. Wilson, sendo também considerável a votação do outro candidato, sr. Hughes, que chegou a ser dado como eleito.

De todas as apreciações que se teem

feito em volta da reeleição, conclue-se sem maior esforço que esta foi agradável á grande maioria do povo americano, que aplaudiu sempre e continua a aplaudir a política do seu presidente, confiando em que ele continuará como até aqui a manter a sua política externa, velando pelos princípios da liberdade dos povos.

Dr. Veiga Beirão



Na sua residência de Paço d'Arcos faleceu o sr. dr. Francisco Antonio da Veiga Beirão, uma das figuras de mais destaque do antigo regime, que serviu com a maior das dedicações e honestidade. Advogado de grande distinção, acabou o seu curso aos 21 anos, entrando na política aos 28 anos e alistando-se no partido reformista. Sendo um dos mais cotados



membros do partido progressista, só aos 41 anos foi pela primeira vez ministro n'um gabinete presidido pelo sr. José Luciano de Castro, lugar que ocupou com toda a proficiência de grande estadista em outras situações, tendo também sido presidente do conselho n'uma situação em que o chefe do partido, por doença, não pôde entrar.



1. Os estudantes á frente do cortejo.—2. O sr. dr. Francisco da Veiga Beirão.—3. O coche conduzindo o ataúde.

(Achês Benoliel).



No cemitério: a caminho da capela, onde se realizaram os officios funebres.

O seu funeral foi brilhantissimo, concorrendo pessoas de todos os partidos que muito estimavam e admiravam o caracter do illustre extinto.

O sr. presidente da Republica fez-se representar pelo seu secretario, sr. Costa Leme.



2. Durante os discursos no cemitério. —3. Aspetto do Caes do Sodré quando se organisou o cortejo.

(Clichés Benollel).

ILHA DA MADEIRA

A inauguração da nova estrada, que liga Camara de Lobos á Encumrada de S. Vicente, constituiu uma festa brilhante que encheu de alegria o coração de todos os que, com amor, sabem apreciar os melhoramentos por que a formosa Ilha vae passando.

A digna comissão executiva da Junta Geral, tendo á frente o seu ilustre presidente, o sr. dr. Vasco Marques, foi no dia 22 do mez passado inaugurar a bela estrada, n'um luzido cortejo composto



Encumrada de S. Vicente. *Terminus* da estrada. Pavilhão onde foi servido o copo de agua aos convidados.

de 18 automoveis com convidados, de que faziam parte varios elementos em destaque na sociedade do Funchal. Ali vimos os srs. governador civil, dr. Jardim d'Oliveira, juiz de direito dr. Sousa Teles, delegado da Republica dr. Souto Maior commandante militar, presidente da Junta Geral João Augusto Pina, presidente da Camara Municipal dr. Fernando Tolentino, general Soares Simões, commandante da guarda fiscal, L. Rodrigues, director da repartição tecnica da Junta



Passagem do cortejo na Avenida Oeste

Agrícola sr. Francisco Antonio Soares Junior, dr. Alberto Jardim, varios officiaes, etc. Saiu o cortejo ás 11 horas da séde da Junta Geral, nos 18 automoveis fornecidos pela firma Daniel Azevedo & C.^a, atravessou o Funchal em direção á Vila de Camara de Lobos, e d'ali, entre foguetes, flores e ao som do Hino Nacional, seguiu em direção á Vila da Ribeira Brava, atravessando as pitorescas povoações de Estreito de Camara de Lobos, Quinta Grande



A chegada do cortejo á encumrada de S. Vicente.

tinuação e irá beneficiar outras povoações quasi desconhecidas, e, dentro de um ano, ou, talvez menos, poderão os funchalenses ir de automovel até ao verdejante Rabaçal, tão alegre com o murmúrio das suas 25 fontes, vê o Risco, o Caramujo, o Fanal e a Ribeira do Inferno, atravessando no trajeto o Pico Queimado, Lombo do Mouro, Paul da Serra e Pinaculo, gastando do Funchal ali 4 horas de viagem.

No dia em que essa tão grande obra chegar ao seu fim, será um sucesso para a histo-



Grupo de convidados entre os quaes se vêem os srs.: 1. dr. Jardim de Oliveira, governador civil do Funchal; 2. comandante militar; 3. dr. Vasco Marques, presidente da comissão executiva da Junta Geral do Distrito; 4. dr. Souza Teles, juiz de direito; 5. João Augusto Pina, presidente da Junta Geral; 6. dr. Passos Freitas, secretario da Junta Geral; 7. Sales Henriques, capitão do porto do Funchal; 8. dr. Francisco Antonio Soares Junior, diretor tecnico da Junta Agrícola.

e Campanario, que hoje se vêem com uma magnifica estrada valorisando-lhes os seus terrenos e facilitando-lhes o vi-rem mais rapidamente ao Funchal vender os productos das suas terras.

Não param aqui os esforços da digna Junta Geral, em colaboração com a Junta Agrícola. Esta estrada terá sua con-

ria da Madeira, e os dois madeirenses, que unidos trabalham para tão grande feito, sr. dr. Vasco Mar-

ques e visconde da Ribeira Brava, terão a gloria de vêr os seus nomes vinculados aos maiores e mais uteis melhoramentos.

Funchal 27 de outubro de 1916.

M.



Na vila da Ribeira Brava.—Chegada do cortejo, que é recebido pelo presidente e vereação da camara municipal

(Clichés do sr. M. O. Perestrelo e Filho).

**PÕ
DE ABYSSINIA
EXIBARD**
Sem Opio nem Morphina
Muito eficaz contra a
ASTHMA
Catarrho — Oppressão
35 Anos de Bom Êxito,
Medalhas Ouro e Prata.
H. FERRÉ, BLOTTIÈRE & C^{ie}
8, Rue Dombasle
PARIS
SUAS PHARMACIAS

FOTOGRAFIA
Rentlinger
A MAIS ANTIGA DE PARIS
AS MAIS ALTAS RECOMPENSAS
21, Boulevard Montmartre
PARIS
TELEFONE: Gutenberg 42-09 ASCENSOR

Ler na proxima quarta-feira o
Suplemento de MODAS & BORDADOS
D'O SEculo
Secções de: Modas, Correspondencia, Figurinos,
e Bordados.
INTERESSANTES CONCURSOS

Henri Manuel
PHOTOGRAPHO D'ARTE

27, Rue du Faubourg Montmartre

*Agencia Internacional de Re-
portagem*

*As mais importantes
coleções de retratos de altas
personalidades*

DORES DE COSTAS

PILULAS FOSTER PARA OS RINS

Sem rival para combater: dores de costas e de pernas;
lassidão dos membros; doenças e fraqueza dos rins e da bexiga
e das vias urinarias; calculos; nevralgias; reumatismo;
envenenamento do sangue pelo acido urico; hydropisia; etc.



As Pilulas Foster para os Rins encontram-se á venda em
todas as pharmacies e drogarias, a 800 Rs. cada frasco; pelo correio,
franco porte, augmentar 50 Rs. para registro.

Agentes Geraes: **JAMES CASSELS & C^a, Succes.**,
Rua Mousinho da Silveira, N^o 85, Porto.

**CREME
DEPILATORIO**
pronto a empregar.
Efeito garantido.
Perfumado. Tira
rapidamente, a
penugem, barba, os
pelos mais rijos da
cara e do corpo.
Não produz nem borbulhas nem vermelhidão,
não irrita a pele. — Envio discreto e franco
contra vale do correio de \$80 centavos.
REPRESENTANTE: **JULES DELIGANT**
15, Rua dos Sapateiros — LISBOA

**CHA
HORNIMAN
EM PACOTES
UM SEculo DE EXITO UNIVERSAL**

COMPANHIA DO PAPEL DO PRADO

Sociedade anonyma de respons. limitada

Ações.....	800.000\$000
Obrigações.....	323.910\$000
Fundos de reserva e amortisa- ção.....	298.400\$000
Reis.....	150.310\$000

Sede em Lisboa. Proprietaria das fabricas do Prado, Marianala e Sobreirinho (Tomar), Penedo e Casal de Hermio (Lousã), Vale Malor (Albergaria-a-Velha). Instaladas para uma produção annual de seis milhões de kilos de papel e dispondo dos maquinismos mais aperfeiçoados para a sua industria. Tem em deposito grande variedade de papeis de escrita, de impressão e de embrulho. Toma e executa prontamente encomendas para fabricações especiaes de qualquer quantidade de papel de maquina continua ou redonda e de fôrma. Fornece papel aos mais importantes jornaes e publicações periodicas do paiz e é fornecedora exclusiva das mais importantes companhias e empresas nacionaes.

ESCRITÓRIOS E DEPOSITOS:
LISBOA—270, Rua da Princeza, 276
PORTO—49, R. de Passos Manuel, 51
—cabeço telegrafico em Lisboa e Porto:
Companhia Prado. Numero telefonico:
Lisboa, 605—Porto, 117.

COLGATE'S TALC POWDER



Pó de Talc Colgate

(COLGATE'S TALC POWDER)

Substitue com grandes
vantagens o pó d'arroz.

Indispensavel
na higiene das creanças
e na
toilette dos adultos.



Encontra-se
em todos os bons
estabelecimentos
que tambem
vendem sabonetes,
perfumes, loções,
elixires dentifricos,
crèmes, etc.
d'esta acreditada
marca americana.

Contra 6 centavos
em estampilhas será en-
viada uma amostra
pelos Agentes Geraes.

Sociedade Luzo-Americana DOS ESTABELECIMENTOS

GASTON, WILLIAMS & WIGMORE, LT.^{DA}

Rua da Prata, 145 — LISBOA

Telephone: Central 4096



SUPLEMENTO
HUMORISTICO DO

O SECULO

Propriedade de J. DA SILVA GRACA, Lmta.

Director: ACACIO DE PAIVA

EDITOR: ALEXANDRE AUGUSTO RAMOS CERTA

REDAÇÃO, ADMINISTRAÇÃO E OFICINAS — RUA DO SECULO, 43 — LISBOA

A verdade sobre a questão do pão



NA PADARIA.

— Afinal, que diferença ha entre o pão de quatro e meio e o de tres tostões?
— Duzentos e dez.

PALESTRA AMENA

Sic transit...

Temos sobre a nossa mesa de trabalho uma carta assinada pelo sr. Hipopotamo, do Jardim Zoológico, em que se queixa da volubilidade do nosso público.

Imaginou o pobre bicho que, pelo entusiasmo dos primeiros dias—o animal atribua as pedradas no olho a uma expansão mais viva de interesse pela sua pessoa—imaginou que seria até o fim da vida o idolo do público, que as manifestações de apreço de que fôra alvo aumentariam até, que viria mesmo a obter uma boa colocação, quiçá a fazer um casamento rico. Da empresa do Jardim não se queixa; essa continua a reclamá-lo inteligentemente, a afixar-lhe o retrato em cartazes pelas esquinas, em publicar pormenores biográficos, chegando a mandar dizer para os jornaes que está tratando do aquecimento da instalação, que vai fazer todo o possível para que ele passe o inverno no conforto d'uma temperatura de 15 graus. Mas tudo isso é inútil. A fila dos admiradores de sua senhoria vai rareando, a curiosidade quasi desapareceu e, peor do que isso, a simpatia dos primeiros tempos está sendo substituída, se não por uma antipatia já claramente acentuada, pelo menos por uma indiferença um tudo nada agressiva, ouvindo-se não poucas vezes exclamações como esta:

—Afinal é feio como o diabo!
—E pequeno, insignificante. O do cartaz é maior!

E, com grande ar de desprezo:

—Por fim de contas, parece que nem é hipopotamo. É hipopotama!

A carta que nos escreveu é amaríssima, desconsoladora e revela um desanimo que pode levar ao suicídio. Termina com estas palavras: «Mas que é preciso n'este paiz para conquistar uma simpatia duradoura?»

Que é preciso? E' preciso não seguir o caminho errado que vossa senhoria seguiu. E' preciso que saia d'essa modestia amfibia que o caracteriza, metendo-se na agua todas as vezes que o querem ver, ocultando-se e mostrando-se trombudo.

Primeiro, foi um erro não se introduzir na politica; depois, que quer vossa senhoria que se pense d'um ser que não aparece em banquetes publicos, que não faz um discurso de confraternização, que não escreve um livro de versos ou de economia politica, que não é socio da Academia das Ciencias de Portugal, que não faz uma revista do ano, que não se propõe a deputado, que não assiste ás recitas do Guirry, que não veste no Amieiro, que não tem uma amante no teatro—continuamos a supôr que vossa senhoria é macho,—que nem ao menos é gatuna de forasteiros? E quer a celebridade, o respeito, a consideração, o carinho geral permanente?

Ora, sr. Hipopotamo: sabe que mais? Tenha juizo. O caminho a seguir aí fica indicado, mas permita-nos que lhe digamos que já nos parece tarde para tomar por ele; agora teria de atropelar

muita gente que se lhe adiantou e de ferir muitos interesses criados. O melhor que tem a fazer é conformar-se, reconhecer que foi burro e contentar-se com a satisfação intima dos proprios merecimentos, se os tem.

José Neutral.

Uma baleia em Madrid

(Resposta a um jornal hespanhol)

Somos muito capazes de já ter contado esta anedota e vossas senhorias, mesmo que ainda a não contassemos, são muito capazes de a saber. Mas a repetição e o avivar da memoria não fazem mal a ninguem, quando se trata apenas de desopilar.

Uma vez houve uma grande cheia no Manzanares, que, como sabem, é aquele fiosinho de agua que passa em Madrid e onde só podem navegar barquinhos de papel. Mas chovera duran-



te muitos dias e na ocasião a que nos referimos o fiosinho tinha-se transformado n'um fiosão e a corrente, grossa e impetuosa, arrastava arvores, azenhas, madeiros e até pipas, que os madrilenos procuravam arrastar para terra, atirando cordas, empregando croques, etc.

Ora quando puxavam uma das pipas compreenderam pelo peso que ela estava cheia, muito provavelmente de vinho, e o regosijo manifestou-se logo ruidosamente. Gritava-se, com enthusiasmo:

—Va llena! va llena!

Das margens do Manzanares a alegre nova chegou até ao coração de Madrid e d'aí a pouco berrava-se por toda a cidade:

—Ballena! ballena en el Manzanares!

Não faremos a vossas senhorias a injuria de supôr que não atingiram a graça e não perceberam o calemburgo. Va llena mudou-se facilmente em ballena e Madrid em peso correu para o Manzanares para ver o prodigio com os seus proprios olhos.

De onde não ha motivo para os nos-

sos vizinhos se rirem de faceis conclusões. Quem confunde uma pipa com uma baleia era tambem muito capaz de confundir um safio com um subterfugio.

Imagens inéditas



Um escritor moderno, e'aborando um folhetim e procurando imagens originaes.

«Maria era caprichosa como... como a minação electrica da Companhia do Gaz e n'ha a alma negra como... o assucar de senove vintens...»

A força da oratoria

Aprovamos do fundo da alma a solução do governo concedendo a Camões Leal uma pensão que o põe a abrigo da miseria. E feita esta declaração diremos ao sr. Antonio José de Almeida que para defender a proposição não precisava dizer que «deixar morrer a fome Gomes Leal seria tão criminoso como foi criminoso deixar morrer a fome Camões».

Com o devido respeito, ha sensível diferença entre os dois poetas. Quanto mais não seja no olho cego.

Balzac e Soler

Houve um estremecimento em todos os corações bem formados ao lêrem n'uma critica feita por um jornal de manhã á peça o *Inferno*, ha dias e treitada no Ginasio, que os seus autores tinham inspirado na obra de Balzac.

Perdão: o critico teve razão e não teve. Em castelhano, lingua em que a peça foi escrita, ela na verdade não tem de Balzac; mas na versão portugueza, de João Soler, é efectivamente um bocadinho balzaquiano.

Escusam de perguntar por quê. É um segredo que havemos de levar para o tumulo.

INDICIO DE LOUCURA



O pae do Lulu, menino de quinze annos, manda chamar o medico. Este, depois de examinar o doentinho:

—Mas, afinal, porque imagina o meu amigo que o cerebro de seu filho não funciona bem?

O pae, desconsolado:

—Porque quer por força aprender o esportanto...

Campo Pequeno

Lêmos n'alguns jornaes de domingo ultimo:

«Foi mobilizada e entregue ao comando militar para serviço de transportes a praça do Campo Pequeno, não podendo por esse motivo realizar-se hoje ali a novilhada que a empresa havia projetado.»

O que nós temos adeantado ultimamente na arte de preparar a guerra é um assombro! Agora até se mobiliza a praça do Campo Pequeno, como se fosse uma simples mala de mão!

E' pena que a missão anglo-franceza não tenha assistido a esta proeza, para ver o que é ter força!

Estrago de papel

Tenham paciência, mas se nos fosse cometido o encargo de dirigir algum periodico sério—de que o Separado nos livre!—fariamos grande economia de espaço, reservando-o só para coisas proveitosas.

Posto isto propomos á direção dos ditos periodicos a supressão das seguintes nulidades:

—Noticias de atraso de comboios, depois de eles terem chegado.

—Noticias de ter havido chuvas e temporaes, sem consequencias de interesse.

—Secções de anniversarios, casamentos, nascimentos e outras bugigangas que só servem para entreter a vaidade de meia duzia de pessoas.

—Noticia do que se passou ha quarenta anos. O que lá vae, lá vae.

—A hora do nascer e pôr do sol, do preamar e baixa-mar, que ninguém precisa de saber.

—A enumeração dos animaes oferecidos ao Jardim Zoologico, quando não sejam raros, porque ninguém se importa que lá haja mais galinhas, pombos, etc.

—Os artigos do madurista Amilcar de Sousa, a não ser que ele os pague. Etc., etc.

Poupavam-se bem 3 ou 4 colunas, com vantagem para todos.

Cronologia avariada

Os cronistas teatraes de um jornal da noite publicaram um artigo contendo declarações importantes, como as de que tencionam elogiar os actores que representarem bem e censurar os que representarem mal. Assim seja, e notando que a dificuldade na critica consiste precisamente em se saber quando se representa bem ou mal, fazemos votos por que os ditos cronistas sejam mais ponderados quando criticarem do que quando citam as estações do ano.

Sabem como eles começam o artigo referido? por estas palavras: «Caríssimos leitores, estamos em pleno inverno.»

Se souberem tanto de teatro como de cronologia, estão os pobres actores bem servidos!

EM FOCO



AUGUSTO GIL

Amigo: um bom soneto não tem graça
Consagrado a poeta assim perfeito;
Vou, pois, faze-lo sem cuidado e geito
A ver se por extranho, agrada e passa.

Forçada a rima, indefinida e baça,
Cadencia frouxa, que é maior defeito,
Tudo produzirá tão mau efeito
Que talvez d'esse modo satisfaça.

As quadras já lá vão. E' n'esta altura
Que se torna difficil o soneto
Por ter de preparar-se a fechadura.

Emfim, cheguei ao ultimo terceto.
Mas se a vates de tal envergadura
Mais versos dedicar, eu seja preto!

BELMIRO.

Teve graça

... mas já a vae perdendo. O primeiro soneto que o sr. Jorge Manuel, da Lisboa Esperantista Societo, nos mandou, foi aqui transcrito com a merecida referencia elogiosa; porque estava bem feito, tanto que a pessoa n'ele visada estava disposta a dar ao autor a honra de uma resposta. Para isso, começou a fazer um improviso, que estava quasi terminado, quando lhe chega pelo correio outro soneto, o que que se vai ler.

Ora como este é inferior ao primeiro e com tal decrescer é de recear que os subsequentes ainda sejam peores, o improviso fica de molho mais algum tempo.

Segue a frouxa composição:

EM DESAFIO

O esperanto

Tantos dias! E não te penalisa
O improviso chôcho e flatulento...
Tu, um poeta, um homem de talento...
Valha-te um burro a rir: é a precisa.

Quem com tanta decência poetisa
Manda prosa e que prosa... O desalento
Venceu-te eu apostava o anjo b-nto
Em como o meu valor te paralisa.

Chama em esperanto p'la musa; nem as-
sim?...
Ou tens nas veias sangue de crustaceo
Ou o verso te custará d'lnheiro;

A fuga foi surpresa para mim,
Pois só te conhecia como Acacio
Mas supunha-te menos conselheiro.

Jorge Manuel.

TEATRADAS

Carta do "Jerolmo"

Indultrada isposi

Ai filha! i quichavame eu ás vezes de ti pur cósá do teu nervoso! O' pé da sr.^a Maria Matos e da munina Seleste Leitão és tu a mulher mais çusegada do mundo! U nervoso da sr.^a Maria Matos é tanto que inté cucheia e pisca un olho, alem de a fazer tão medronha de cara caquilo çó cumparada ó xafariz de Peras Ruivas. Inmajina ela que ção pursizos aqueles inzageros toudos para ter grassa, cumo se a sr.^a Barbra, pur inzeplmo, nas çogras que fazia no Ginasio tivesse pursizado de iço! I agora mêmô lá tem o inzeplmo do Alegrim, que faz rir a jente cum touda a naturelidade.

Adiente. Já deserto porsebeste que te istou a falar no *Inferno*, pessa ispanhola cu sr. Juão Suler verteu para portuguez i que se xama acim purque u tal nervoso transforma as casas do Alegrim e du Almada, espousos respetivamente da sr.^a Maria Matos e da menina Seleste, em verdadeiros infernos.

Pur fim, já se çabe, tudo acaba im bem, ós pois dos çtores e atores terem çuado as istupinhas pra fazer rir u puvlico i da quelaque ce ter istafado a puchar pellos apelausos: u puvlico çae çastifeito, com vontade de puxar á fieira a menina Seleste, de dar uma boa dusia de assoites na menina Pepita dá Breu i de perduar ós oitros, purque fazéram u que puderam.

Pela prumeira vez o ator Cradoso fez um papel deramatego agardando munto i fazendo rir cem ce voltar de costas.

Pur oje não te falo na cumpanhia feranseza para não cer mais istenço; prá oitra vez çará.

Muntos abrassos du teu

Jerolmo

Emprezar u do Pau Itiama
de Peras Ruivas

O Jardim Zoologico

Notficiam os colegas sérios que os «amigos do Jardim Zoologico» pensam em estabelecer n'aquelle recint, logo que se assine a escritura de compra do parque das Larangeiras, o «lavatorio e o W. C.»

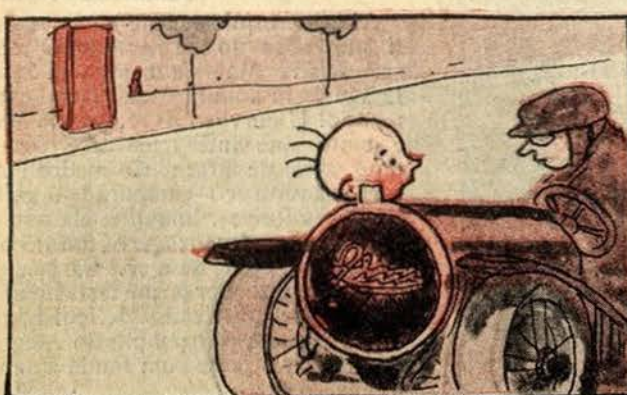
O reclame ao Jardim tem chegado a estas miudezas. Esgotado o hipopotamo e sendo preciso continuar a interessar o leitor, a direção já recorre ao W. C. Fará como lhe aprouver, mas será conveniente não insistir n'esta ultima nota, porque pode vir a cheirar mal.

Erro de termo

Diz uma folha que se sabe positivamente que os alemães destacaram para o Atlantico uma «esquadrilha» de submarinos.

Desculpará o colega, mas não é esquadrilha: quadilha é que é.

De como o Manecas descobre uma maquina de fazer chouriços



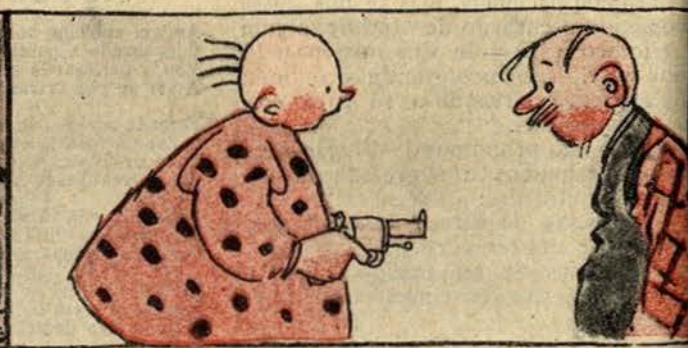
1.—Recebido o bilhetinho
Manecas põe-se a caminho.



2.—Dentro em pouco—ó maravilha!
Dará com toda a quadrilha.



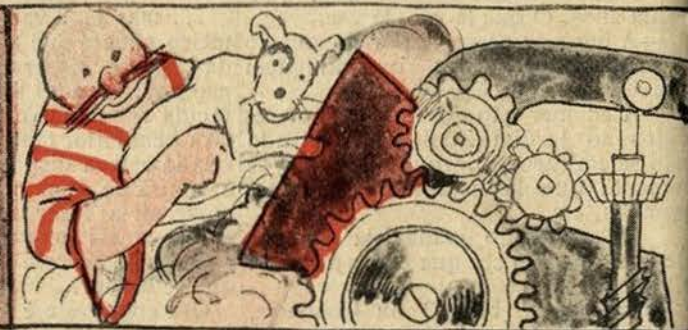
3.—Manda parar mais além,
Pois vae ali e já vem.



4.—Bate; o porteiro intimida,
Que julga perder a vida.



5.—Entra em casa, o corpo ageita
Encostado á porta espelta



6.—E assiste á fabricação
De chouriçame de cão!



7.—Descendo ao pateo, o garoto
Reconhece o cão Piloto.



8.—Solta cães, solta cadelas...
P'rá semana é que são elas!